PARA JAMAIS ESQUECER: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA ANA MARIA CÉSAR

Alicia Claudina da Silva[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

Resumo: A escritora e advogada pernambucana Ana Maria Ventura de Lyra e César, mais conhecida como Ana Maria César, nasceu em 17 de abril no município de Garanhuns; filha do desembargador Amaro de Lyra e Cesar e Áurea Ventura de Lyra e Cesar, personagens centrais na sua formação profissional e intelectual. Possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade Católica de Pernambuco (1963) e em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (1964). No dia 9 de abril de 2010, tornou-se imortal pela Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira de nº 5. Atualmente possui treze obras publicadas, fundamentadas pela ficção, memória e história, nas quais podemos compreender alguns aspectos da vida da escritora, acontecimentos históricos do país e trajetórias de personalidades e instituições. Neste trabalho, utilizaremos como aportes teórico-metodológicos o conceito de gênero proposto pela historiadora estadunidense Joan Scott e os estudos sobre biografia e escrita de si desenvolvidos pelas historiadoras brasileiras Mary Del Priore e Margareth Rago.

Palavras-chave: Gênero. Biografia. Intelectuais.

Introdução

> No limiar do tempo frágil Ousei, entre rendas e organdi pensar Olhos postos no assoalho falar Bordando lençóis de cambraia.
> (Ana Maria César)

Cada vez mais, o aprofundamento dos estudos biográficos torna-se importante para o desenvolvimento da pesquisa histórica e estudos de gênero, como afirma a historiadora Margareth Rago no texto: "Autobiografia, gênero e escrita de si nos bastidores da pesquisa". Escrever sobre as mulheres, é uma tarefa "difícil", sendo o

[1] Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista do PIBIC/UNICAP. Integrante do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: aliciadoc12@hotmail.com.
[2] Docente do Curso de História e do PPGH da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.

silenciamento e/ou apagamento das fontes o seu principal desafio. Esse principal argumento explica as críticas literárias, que consideram a autobiografia como um gênero literário masculino. Utilizando-se da ideia do filósofo e historiador Michel Foucault, quando se trata de biografia e história, quando este afirma que:

> a história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi, isto é, que é sempre na confluência de encontros, acasos, ao longo de uma história frágil, precária, que se formaram as coisas que nos dão a impressão de serem as mais evidentes. Aquilo que a razão experimenta como sendo sua necessidade, ou aquilo que antes as diferentes formas de racionalidade dão como sendo necessária, podem ser historicizadas e mostradas as redes de contingência que as fizeram emergir (FOUCAULT, 1994, p. 449).

Existem inúmeros fatores ocorrentes nesse silêncio, um dos primeiros fatores é que tendem colocar as mulheres em posições secundarias aos dos homens, o gênero feminino é posto ao de mãe, professora, cuidadora, se abrange aos cuidados dos outros, mas nunca a si próprio e, isso, faz-se claramente a se esquecer de sua origem de sua trajetória. Outro fator é abordagem sobre os casos de violência psicologia e física, em alguns lugares do mundo como África e América Latina, em que o silêncio das mulheres é interpretado através de todo seu presente e suas experiências neste cenário de violência sobre seus corpos, isso nos faz refletir o quanto constrangedor é atribuído a esse episódio, impactando milhares de mulheres nesses conflitos atribuídos a elas mesmas.

Sabe-se que dentro desse contexto de se autobiografar a questão social é muito importante, como a classe social de muitas é extremamente diferente o contar sobre si mesma está longe de ser utilizado para todas, mas independente de classes sociais a um silêncio na biografia das mulheres. Produzir relatos autobiográficos femininos, assim como escrever a história das mulheres, é, a meu ver, uma prática de resistência. Dar publicidade à própria vida é uma maneira de existir no mundo, de inscrever-se socialmente, de adquirir existência pública; é uma questão de reconhecimento social e de direitos (Cf.: RAGO, in: AVELAR; SCHMIDT, 2018).

A sociedade rotula as mulheres de inúmeras formas, nos fazem imaginar dificuldades não existentes em nossos olhares, produzir uma biografia não é apenas um ato de resistência, mas sim de poder. É, portanto, construir-se e conhecer a si própria/o, não apenas reconstituindo seu passado, mas se envolver por si só. Em adição as palavras de Margareth Rago, que nos faz refletir os diferentes tipos de memórias e como elas são colocadas em nosso meio, como traços de reflexões que desenvolvem nossos olhares além da perspectiva de biografia e de gênero, mas sim experiências de vida.

Nesta ocasião, tal problemática permeia a produção de certas biografias, sendo esta uma representação de um grupo, é entendido que é necessário falar da biografia de mulheres como um novo aspecto a ser distribuído como gênero literário. A historiadora estadunidense Joan Scott, no artigo "Gênero: uma categoria útil de ser histórica", analisa uma instabilidade de identificação de gênero, em que os sistemas de identidades são processos de identificação de gênero; afirmando que:

> Os desejos reprimidos estão presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade, subvertendo sua necessidade de segurança. Além disso, as ideias conscientes sobre o masculino ou o feminino não são fixas, uma vez que elas variam de acordo com as utilizações contextuais. Sempre existe um conflito, pois, entre a necessidade que tem o sujeito de uma aparência de totalidade e a imprecisão da terminologia, seu significado relativo, sua dependência da repressão. Este tipo de interpretação torna problemáticas as categorias de "homem" e "mulher", ao sugerir que o masculino e o feminino não são características inerentes, mas constructos subjetivos (ou ficcionais) (SCOTT, 1990, p. 82).

Ao destacar a biografia, Joan Scott ainda nos explica os acontecimentos ocorridos na História. Trata-se de um antagonismo produzido por homens e mulheres, no qual tendem a "universalizar" a categoria de feminino e masculino. Ela nos diz, a partir deste ponto vista, que:

> A consequência para os/as historiadores/as é uma leitura redutiva dos dados do passado. Mesmo que essa teoria tome em consideração as relações sociais, ao ligar a castração à proibição e à lei, ela não

> permite introduzir uma noção de especificidade e de variabilidade histórica. O falo é o único significante, o processo de construção do sujeito reverificado é, em última instância, previsível já que é sempre o mesmo (SCOTT, 1990, p, 83).

Sendo assim, por exemplo, o antagonismo social que se destaca nas palavras de Joan Scott, apresenta uma abordagem voltada ao ser mulher e na atribuição crítica que se tem a isso. Neste sentido, nos afirma que:

> Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. Devemos nos tornar mais autoconscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à autocrítica (SCOTT, 1990, p 84).

Mulheres são julgadas em todo momento pela sociedade, seja no passado como foi na Idade Média, seja no século XXI. São descrições complexas que se estendem nas categorias de homem e mulher, no texto de Joan Scott é ressaltado o quanto a necessidade de se pensar uma construção do feminino e masculino em uma hierarquia e que devemos nos policiar em questão a isso, fazendo uma análise crítica nesse contexto. Claramente é dito que temos certa necessidade de nos analisar, nos tonar autoconsciente, levando em conta o contexto de passado e presente, de homens e mulheres. Podemos mudar nossos comportamentos e pensamentos sociais em vez de só pesquisar algo único, devemos nos importar na compreensão do funcionamento do gênero e sempre buscarmos fontes reais e confiáveis para nos atualizarmos. É importante ressaltarmos que, na elaboração de um estudo em que pretendemos analisar a partir dos estudos de gênero, abre-se a necessidade de compreensão na estrutura das relações de gênero.

A figura aqui escolhida como objetivo de estudo, trata-se não somente de uma mulher, uma figura feminina, mas de uma mulher que, em seus livros e poemas registrados, deseja acima de tudo, contar sua própria história; fosse através de poesias ou de autobiografia. Uma personagem que busca em suas raízes construir sua biografia

na influência de seus pais e suas raízes, fosse pelas cidades nas quais viveu e recorda bem seus momentos de alegria e tristeza. Ana Maria Ventura de Lyra e César nos parece uma personagem salutar, deu seus primeiros passos escrevendo sobre sua família e um pouco sobre sua trajetória, enxergou-se como uma mulher que tinha forças para sua filosofia de vida e percebeu o quanto importante é para a literatura.

Ana Maria César, por que imortal?

No limiar do tempo mágico
Tirei rosas de arcabuz
Na corda bamba esticada
Equilibrei cem mil desejos
Ou
E assim
Desvendarei o universo
Construirei ainda um verso
Partirei sem mais delongas
(Ana Maria César)

Mãe, esposa, escritora e advogada, Ana Maria Ventura de Lyra e César, mais conhecida como Ana Maria César, nasceu em 17 de abril, não possuímos data do ano, pois nas fontes documentais que trabalhamos tal informação não foi identificada, pelo que percebemos a questão da idade é um assunto evitado por ela. Nasceu cidade de Garanhuns, município situado na Agreste pernambucano; passou boa parte de sua infância entre Carpina e Caruaru. Em seu alumbramento das primeiras rosas de Carpina, no embalo nostálgico do apito do trem de Caruaru, enfeitada nas luzes deslumbrantes das festas juninas e natalinas (Cf.: CÉSAR, 1997). Ana Maria é filha do atual desembargador Amaro de Lira e César e de Aurea Ventura de lira e César. Em sua trajetória enquanto escritora escreveu livros dedicados a sua família e, principalmente, aos seus pais, que sempre lhe incentivaram em seu legado. Estudou os primeiros anos em Carpina e cursou o ginásio em Caruaru, no colégio das irmãs Beneditinas, o Sagrado Coração, diplomou-se em contabilidade pelo Colégio das Damas, frequentou durante dois anos os cursos regulares e de literatura da Associação Cultural Franco-Brasileira.

Em 1963 graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Católica de Pernambuco e em 1964 se tornou Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco.



Figura 1: Ana Maria César na União Brasileira de Escritores.

Em 24 de abril de 2017, uma notícia publicada no jornal "Folha de Pernambuco" trazia informações de um de seus livros: "Poemas Arcaicos e Outros Mais". No qual a autora desdobra o título de sua obra, que se apresenta, então, em três partes: "Poemas arcaicos", "&" e "outros mais". O último fragmento foi o primeiro a ficar pronto. "Eu não tenho o costume de escrever poesia, escrevo história e prosa. Mas os versos foram surgindo no dia a dia. Uma vez, passando na rua pensei "as veias da cidade fedem". Foram momentos assim que fui anotando. Quando vi, tinha um livro" (CÉSAR, 2017), conta a autora. Mais conhecida por seus ensaios como "Juiz de Caruaru" e "A Faculdade Sitiada", Ana César já se aventurou na poesia em dois outros livros: "Versos Voláteis" e "No Limiar do Tempo", a convite de amigos. "Esses livros tinham temas, 'outros mais' fala de um tudo" (ALMEIDA, in: FOLHA PE, 24/04/2017), descreve. Os assuntos variam da relação entre o homem, o rio e a lama até temáticas surrealistas e mesmo leves. "Organizamos começando com os mais profundos, mais densos e fomos chegando ao leve. O último 'Cansaço', é uma quase uma brincadeira" (ALMEIDA, in: FOLHA PE, 24/04/2017), revela, que: "Poemas Arcaicos" chegou por último e marcou a autora com uma revelação. "Eu gostei do nome. Achei bonito. Depois reparei que

arcaicos não são meus versos, mas eu. Sou do século XX. Gosto do meu tempo, das palavras antigas... isso está nesses primeiro poemas", finaliza (ALMEIDA, in: FOLHA PE, 24/04/2017). Detalhes da infância e adolescência de Ana reverberam nos escritos.

A publicação desta matéria foi uma das ocasiões em seu nome fez salutar, recentemente no ano de 2020, a escritora publicou seu livro "Três homens chamados João – Uma tragédia em 1930". Neste livro, a autora relata a história do destino de três paraibanos vítimas de um assassinato, em que por coincidência do destino, as vítimas atendiam pelo mesmo nome, o assassinado desses homens abriria uma possibilidade pra que o ex-presidente Getúlio Vargas chegasse ao poder em outubro do mesmo ano, tratando-se de um momento histórico brasileiro que ficou conhecido como a Revolução de 30. Esta obra até o presente momento só está disponível para e-book, Ana Maria César mergulha na história do Nordeste na primeira década do século XX, traçando um panorama sócio-político de Pernambuco e da Paraíba (CULTURA.PE, 19/10/2020).

A partir de sua trajetória literária, Ana Maria tornou-se imortal no dia 9 de abril de 2010, ocupando da cadeira nº 5, na Academia Pernambucana de Letras. Em "O Humanista Telúrico", título do seu discurso de posse na APL, descreveu sua história de vida, desde sua infância até sua chegada à Academia; seu antecessor José Rafael de Menezes, também foi homenageado em seu discurso. Também dedicou seu discurso a sua falecida prima Tacila Nunes Rafael, com grande emoção ao relatar sua história de vida, bem como, a sua amiga Maria Lins, ainda viva e muito importante na sua formação pessoal. Em suas ultimas palavras, repetiu as palavras do seu pai no Tribunal de Justiça de Pernambuco, recordando à tarde de 27 de maio de 1963: "A vida é uma grande viagem, partindo de um porto a outros portos, por mares encapelados ou mansos, porém sempre verdes. É o verde é a cor da esperança" (CÉSAR, 2010, p, 22). Com isso, concluiu seu discurso de posse tão emocionante na Academia Pernambucana de Letras.

Uma escritora em ascensão

> Luzes dissimuladas
> Despencaram de astrolábios

Postado em cantos vários
Desceram as profundezas
Desfizeram sombras mortas
Maceraram rostos brancos
E se foram atropelados
Apenas
Focos de luz mortiça
Restaram nos olhos dos crentes.
(Ana Maria César)

Ao fazer uma análise de sua biografia, não moldando seus aspectos genealógicos, sabendo a real importância dessa ferramenta, para Ana Maria César faz-se necessário o reconhecimento das raízes de sua família. Seus avós Manoel Joaquim de Lira e Raimunda Maria de Lira, possuíam uma vida muito simples no sítio dos Araras, localizado no município de Cajazeiras, no Sertão paraibano. Filha de Amaro de Lira e César e Áurea Ventura de Lira e César; escreveu seu primeiro livro dedicado ao seu pai, no qual desenvolveu um ensaio biográfico publicado em 1981: "Lira e César, Juiz de Caruaru". Nele, a autora retrata a história de sua infância, dos seus avós e como se tornou juiz em Caruaru, buscando atuar na melhora de vida das crianças que viviam em situação de rua e famílias sem condições financeiras necessárias; sendo atualmente, desembargador do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

Casada com o médico oftalmologista Diomedes Leonardo da Cunha, Ana Maria teve duas filhas Ana Paula e Ana Claudia, para a qual dedicou seu livro "O Tom Azul", publicado em 1997, romance que ganhou o Prêmio Dulce Chacon da Academia Pernambucana de Letras. Um dos seus livros mais famosos e intrigantes, relatando a história de uma mulher sem nome, porém com inúmeras perspectivas.

Em toda sua carreira, Ana Maria escreveu, até o presente momento, um total de quinze livros e sete participações em antologias. Os livros publicados por ela são: "Lira e César, Juiz de Caruaru" (1981), "Genesis, crônicas" (1984), "Poemas a 4 mãos" (1984), "O Segundo Quadrante" (1987), "A bala e a mantra" (1994), "50 anos do Senac em Pernambuco" (1996), "O Tom Azul" (1997), "Versos Voláteis" (1998), "Habemus Panem, Memórias de uma Época" (2001), "No Limiar do Tempo" (2005), "A bala e a Mintra, novos tempos e Verdades Antigas" (2007), "A Faculdade Sitiada" (2009),

"Último Porto de Henrique Galvão" (2016), "Poemas Arcaicos e Outros Mais" (2017) e "Três Homens Chamados João: uma tragédia de 1930" (2020).

As informações aqui trazidas foram retiradas de seus livros, documentos escritos e relatados pela própria escritora. Por fim, acreditamos que, este texto contribui para uma melhor compreensão sobre Ana Maria Lyra Ventura César, a partir dos traços que apresentamos sobre sua carreira literária e jurídica, as quais ressaltam sua importância para estes meios na sociedade pernambucana.

Considerações finais

> No limiar do tempo utópico
> Desmistifico o sonho e
> Desmascaro a morte
> (Ana Maria César)

Ressaltamos que, o principal objetivo desse trabalho foi realizar um estudo sobre a trajetória de Ana Maria César, a partir de uma pesquisa que teve como ponto referencial, alguns dados biográficos presentes em seus livros. Se por um lado, buscamos neste trabalho dar uma versão dos fatos biográficos da imortal Ana Maria César, a partir de documentos e registros da sua história de vida e da genealogia da mesma, por outro lado, esperamos que com este levantamento de informações aqui feito, possamos contribuir para que no futuro, sejam produzidos trabalhos mais aprofundados dessa imortal.

Pois, acreditamos que, quando Margareth Rago clama por uma autobiografia ou biografia de histórias femininas, na qual se propõe trabalhar parâmetros políticos e sociais em suas obras; bem como, podemos recordar o pensamento de Joan Scott, que clama pelo lugar da mulher como elemento biográfico. Portanto, tais aspectos ficam claros no caso de Ana Maria César, que apresenta sua história em seus livros, que conquistou seu lugar na sociedade, quer seja no meio jurídico, quer seja no meio literário.

Referências

AGUIAR, Luis Eduardo Garcia. Ana Maria César. **Divulga escritor**. Disponível em: <https://www.recantodalusofonia.com/products/ana-maria-cesar-por-eduardo-garcia/>. Acesso em: 20 out. 2020.

ALMEIDA, Juliana. Ana Maria César lança novo livro "Poemas Arcaicos & Outros Mais" transita entre profundidade e leveza. **Folha de Pernambuco**. Recife, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/ana-maria-cesar-lanca-novo-livro/25185/>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

CÉSAR, Ana Maria. **O tom azul, ou a inconsistente permanência do amor**. Recife: Bagaço, 1997.

CÉSAR, Ana Maria. **No limiar do tempo**. Recife: Bagaço, 2005.

CULTURA.PE – Literatura. Ana Maria César lança livro "Três homens chamados João: uma tragédia em 1930". Recife, 19 out. 2020. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/literatura/ana-maria-cesar-lanca-livro-tres-homens-chamados-joao-uma-tragedia-em-1930/>. Acesso em: 27 nov. 2020.
FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits**, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

HEROLD, Valentine. Em novo livro, Ana Maria César conta a história do assassinato que culminou na Revolução de 30. **JC (online)**. Recife, 21 out. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2020/10/11988388-em-novo-livro--ana-maria-cesar-conta-a-historia-do-assassinato-que-culminou-na-revolucao-de-30.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PRIORE, Mary Del. Biografia, biografados: uma janela para a história. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). In: **O que pode a biografia**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 73-89.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escritas de si, nos bastidores da pesquisa. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). In: **O que pode a biografia** São Paulo: Contexto, 2018. p. 205-222.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez., p. 71-99, 1990.
Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 20 nov. 2020.